

A NOÇÃO DE CAMPO NAS OBRAS DE BOURDIEU E DO CÍRCULO DE BAKHTIN: SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TEORIZAÇÃO DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Sheila Vieira de Camargo Grillo*

RESUMO: *O objetivo deste artigo é o desenvolvimento teórico da noção de campo e suas implicações para o estudo dos gêneros do discurso. Para isso, será empreendida a aproximação das obras do círculo de Bakhtin e do sociólogo francês Pierre Bourdieu. A análise dos gêneros deve considerar a sua posição relativa no campo, o qual se constitui em um espaço de refração das demandas externas.*

PALAVRAS-CHAVE: *campo; gêneros do discurso; enunciado.*

A teorização dos gêneros do discurso ocupa lugar de desta que no horizonte contemporâneo daqueles estudos da linguagem que têm o texto, o discurso e/ou o enunciado como seu objeto de análise (Linguística Textual, Análises do Discurso de inspiração francesa, Linguística Aplicada, Retórica, Análise da Conversação etc). Os aspectos regulares de determinados tipos de enunciado são explicados por articulações mais ou menos estáveis entre o material verbal e as condições sócio-ideológicas de seu aparecimento. Essa articulação exige que o estudo do enunciado dê conta dos aspectos sociais envolvidos na sua produção, recepção e circulação, o que não pode ser feito de forma conseqüente, sem a explicitação

* Universidade de São Paulo - USP.

da teoria sociológica aí envolvida. Lugar do encontro e da transformação de saberes provenientes de disciplinas diversas, as teorias do discurso são um espaço acadêmico constituído, para pensar a relação entre aspectos da ordem do lingüístico e do sócio-ideológico.

Definidos por Bakhtin (1979/2003) como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados em cada campo¹ da utilização da língua, os gêneros do discurso, ao pressuporem a diversidade da organização social, demandam aporte teórico que explique a dinâmica de constituição e de transformação dos diversos domínios que compõem determinada formação social. O conceito dos campos sociais – juntamente com as noções correlatas de “habitus” e de “sentido prático” – do sociólogo francês Pierre Bourdieu se apresenta como uma perspectiva teórico-metodológica especialmente produtiva para compreender a dinâmica social dos gêneros do discurso. A utilização dessas noções de Bourdieu articuladas à obra do chamado Círculo de Bakhtin² impõe desafios teórico-metodológicos a serem enfrentados neste artigo.

Para tanto, é preciso demonstrar, primeiramente, que as duas teorias não apresentam incompatibilidades teórico-epistemológicas, antes suas diferenças advêm das especificidades do objeto de investigação e das condições sócio-históricas nas quais foram produzidas, com destaque para o ambiente intelectual e os conseqüentes interlocutores de cada autor. Em seguida, expor que elas dão conta de um conjunto de fenômenos sociais ao mesmo tempo comuns e distintos, o que faz com que a sua articulação complementar produza uma melhor compreensão desses mesmos fatos. Nesse momento, as semelhanças formam o terreno necessário para que as especificidades de cada enfoque proporcionem uma ampliação em

¹ Na tradução brasileira anterior desse mesmo texto assim como na americana, ocorria o termo “esferas”. Para este trabalho, será privilegiado o termo “campo” em consonância com a tradução de Paulo Bezerra.

² A expressão “círculo de Bakhtin” será utilizada com base nos trabalhos de Todorov (1981) e de Souza (1999).

profundidade e em extensão dos instrumentos de análise dos gêneros do discurso.

1. Subjetivismo e objetivismo: as alternativas do círculo e de Bourdieu

As novas formulações teóricas surgem e se desenvolvem em razão do diálogo que travam com as correntes de pensamento vigentes. A lógica desse diálogo é a da distinção, com vistas a produzir novos problemas, objetos e formulações para as disciplinas acadêmicas envolvidas. Com isso em mente, serão apresentadas, nesta seção, as linhas de pensamento às quais os autores se opõem, as soluções por eles encontradas e a concepção da relação método/objeto.

Nas obras do círculo de Bakhtin e de Pierre Bourdieu, são expostas, de forma sintética e clara, as teorias que compunham o ambiente intelectual da Rússia no início do século vinte e da França nas décadas de sessenta e de setenta. Ambos os autores formularam seus trabalhos como contraposição e alternativa ao *subjetivismo* não-hegemônico, porém ainda influente nas formas de pensar das respectivas épocas, e ao *objetivismo* reinante. O círculo de Bakhtin, sobretudo nos domínios da filosofia da linguagem e da estética, e Bourdieu, na sociologia, buscaram inserir a ordem social, a história e o sujeito em suas teorias, de forma a deslocar as duas perspectivas disponíveis.

No projeto de construção de um método sociológico para o estudo da linguagem, Bakhtin e seu grupo se contrapõem às duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico: o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*. A primeira orientação, sintetizada na idéia de Vossler da “primazia do estilístico sobre o gramatical”, localiza no psiquismo individual o fundamento da língua:



O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação lingüística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo lingüista e pelo filósofo da linguagem. Esclarecer o fenômeno lingüístico significa reduzi-lo a um ato significativo (por vezes mesmo racional) de criação individual. (1929/1992: 72)

Ao colocarem em primeiro plano os fatores psicológicos e os dados estilísticos individuais, os representantes do subjetivismo permanecem em uma dimensão monológica da linguagem, enquanto expressão das particularidades do sujeito. Essa corrente se contrapunha ao positivismo reinante que via a língua como constituída de formas e do ato psicofisiológico de sua produção.

A obra de Bourdieu também investe contra o subjetivismo, só que, aqui, formulado no âmbito da filosofia de Sartre, o qual fundamentará correntes do interacionismo que se dedicam ao estudo das estratégias individuais, explicitamente orientadas, dos sujeitos em processo de comunicação verbal:

L'exemple de Sartre, l'intellectuel par excellence, capable de vivre comme il les dit et comme pour les dire des "expériences" produites par et pour l'analyse, c'est-à-dire des ces choses qui méritent d'être vécues parce qu'elles méritent d'être racontées, fait voir que, comme l'objectivisme universalise le rapport savant à l'objet de la science, le subjectivisme universalise l'expérience que le sujet du discours savant se fait de lui-même en tant que sujet. (1980: 77)³

Bourdieu vê, nessa perspectiva, a generalização da visão do cientista sobre si próprio para a sua concepção do sujeito. Apesar de não ocuparem uma posição hegemônica no cenário intelectual, o

³ As obras sem tradução para o português serão citadas na língua da edição consultada.

subjetivismo permeia a visão corrente das práticas de produção de linguagem quotidianas, em que os indivíduos, imersos no seu fazer prático, pouco refletem sobre a ordem social que eles (re)produzem, ao mesmo tempo que são por ela produzidos.

A linha mestra das ciências humanas na época em que Bakhtin e Bourdieu formularam suas obras é, certamente, o objetivismo. Conforme Bakhtin, “A pouca audiência que a escola de Vossler tem na Rússia corresponde inversamente à popularidade e influência de que a de Saussure aí goza.” (1929/1992:84). Sem cair na visão do sujeito como consciência livre, auto-reflexiva e criadora, própria do subjetivismo, os dois teóricos se contrapõem a uma concepção da língua e da sociedade, como sistema sem sujeito. Bakhtin situa as raízes filosóficas do objetivismo no racionalismo cartesiano do século XVII na França, onde, ainda no início do século vinte, se mantém influente:

A idéia de uma língua convencional, arbitrária, é característica de toda a corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código lingüístico e o código matemático. Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado (1929/1992: 83)

Saussure é apontado como o melhor representante dessa visão da língua, enquanto sistema de signos. Bakhtin vê as origens históricas do sistema como “o produto de uma reflexão sobre a língua” (1929/1992: 92), decorrente do estudo filológico das línguas mortas e do ensino de línguas estrangeiras.

Na França, a lingüística saussureana tornou-se modelo para domínios como a antropologia, os estudos literários, a antropologia, a psicanálise, gerando releituras estruturalistas de Freud por Lacan e de Marx por Althusser. É no contexto do estruturalismo francês

das décadas de cinqüenta e sessenta que Bourdieu começa a produzir sua obra sociológica. No final da década de setenta, o sociólogo faz a crítica ao estruturalismo em antropologia e em sociologia, ao formular seus conceitos de *habitus* e *sentido prático*, enquanto alternativas para introduzir o sujeito e a sua constituição sócio-histórica no domínio das formações sociais.

Il suffit d'ignorer la dialectique des structures objectives et des structures incorporées qui s'opère dans chaque action pratique pour s'enfermer dans l'alternative canonique qui, renaissant sans cesse sous de nouvelles formes dans l'histoire de la pensée sociale, voue ceux qui entendent prendre le contrepied du subjectivisme, comme aujourd'hui les lecteurs structuralistes de Marx, à tomber dans le fétichisme des lois sociales; convertir en entités transcendantes, qui sont aux pratiques dans le rapport de l'essence à l'existence, les constructions auxquelles la science doit avoir recours pour rendre raison des ensembles structurés et sensés que produit l'accumulation d'innombrables actions historiques, c'est réduire l'histoire à un "processus sans sujet" et substituer simplement au "sujet créateur" du subjectivisme un automate subjugué par les lois mortes d'une histoire de la nature. Cette vision émanatiste qui fait de la structure, Capital ou Mode de production, une entéléchie se développant elle-même dans un processus d'autoréalisation, réduit les agents historiques au rôle de "supports" (Träger) de la structure et leurs actions à de simples manifestations épiphénoménales du pouvoir qui appartient à la structure de se développer selon ses propres lois et de déterminer ou de surdéterminer d'autres structures. (1980: 70)

Em síntese, apesar de pertencerem a países distintos e com um intervalo de aproximadamente trinta anos⁴, a obra do círculo de

⁴ Mikhail Bakhtin passou toda sua vida (1895-1975) na Rússia. Suas primeiras obras datam do início década de vinte. Pierre Bourdieu nasceu e viveu na França entre 1930 e 2002. Começa a publicar no final da década de cinqüenta.

Bakhtin e do sociólogo francês Pierre Bourdieu são surpreendentemente próximas na identificação das linhas mestras do pensamento de suas épocas e nas críticas que fazem ao subjetivismo e ao objetivismo, com vistas a redimensionam a inserção da linguagem, do sujeito, da história, da ideologia e do social no âmbito das ciências humanas.

Passemos, agora, às soluções apresentadas aos questionamentos acima expostos. Elas são motivadas, em grande parte, pelas diferentes áreas de atuação dos autores e seus respectivos objetos de análise. Bourdieu concentra-se no estudo da relação entre estruturas sociais e constituição da subjetividade, enquanto que a obra do círculo, embora também aborde esses aspectos, privilegia o estudo da natureza social da linguagem.

Bakhtin e seus companheiros localizam na interação verbal⁵ o espaço de constituição e existência da língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (1929/1992: 123)

Concebida como uma opção às duas perspectivas vigentes, o conceito de interação verbal concentra os principais aspectos da teoria dialógica da linguagem, elaborada pelo círculo: a relação do enunciado com o contexto social imediato e amplo, o modo de constituição do sujeito e a delimitação do conteúdo temático.

A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Pri-

⁵ Para conferir a importância do conceito de interação verbal no conjunto da obra do círculo, ler o artigo de Brait (2002).

meira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior (Bakhtin/Voloshinov⁶, 1926/1981), são o horizonte social comum aos co-enunciadores (a unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos co-enunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado, pelas especificidades de cada campo da produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião etc), e, por outro, por um certo “horizonte social” de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que os campos ideológicos estabelecem com a ideologia do cotidiano: “With the ideological horizon of every epoch, there is a value center toward which all the paths and aspirations of ideological activity lead.” (1928/1991: 157). Nessa relação entre material verbal e contexto, o discurso não é concebido como um reflexo da situação, mas como o seu acabamento avaliativo. Brait (2002) vê, nesse contexto mais amplo, a participação do interdiscurso que, apesar de nem sempre explícito, faz parte da produção de sentidos.

Em segundo lugar, a consciência individual é constituída no meio social ou ‘de fora para dentro’, por meio dos materiais semióticos que a organizam, adquiridos nas interações verbais. No contexto interior, esses signos assumem nova significação, devido à sua inserção em um novo contexto vivencial. Sua orientação ideológica ocorre em razão das duas dimensões sociais acima descritas. Com isso, a expressão individual já é dialogicamente orientada, uma vez que se manifestará em razão das condições sócio-históricas da existência dos sujeitos.⁷

⁶ A utilização de traduções em português e em francês é responsável pela alternância ortográfica entre Voloshinov (francês) e Volochinov (português).

⁷ A tematização da constituição da consciência individual revela o diálogo que a obra bakhtiniana empreendeu com a fenomenologia de sua época, cujo objetivo, em síntese, é a descrição da estrutura específica do fluxo imamente de vivências que constitui a consciência humana. Aqui, a atividade consciente é marcada pela intencionalidade, ou seja, por atos de constituição do mundo externo.

Terceiro, a delicada questão do sentido dos enunciados é resolvida pela distinção entre significação e tema. A significação se define pelos elementos reiteráveis e estáveis do sistema lingüístico e o tema pelo seu caráter concreto, singular, sócio-historicamente determinado e irreduzível a uma análise totalizante. O tema incorpora o caráter ativo da compreensão de um enunciado, ou seja, o processo interpretativo do co-enunciador se dá na sua capacidade de dialogar com o enunciado, por meio da sua inserção em um novo universo pessoal. Além do tema e da significação, toda palavra é constituída por “acento de valor ou apreciativo”, cuja manifestação mais evidente é a entoação expressiva.

Bourdieu vai buscar sobretudo na noção de *habitus* - mas também de *trajetória*, *sentido prático* e *estratégia* - uma via mediana, no dizer de Dosse (1994), para reintroduzir o agente, sem desconsiderar as coerções sociais de sua ação.

Echappant à l'alternative des forces inscrites dans l'état antérieur du système, à l'extérieur des corps, et des forces intérieurs, motivations surgies, dans l'instant, de la décision libre, les dispositions intérieures, intériorisation de l'extériorité, permettent aux forces extérieures de s'exercer, mais selon la logique spécifique des organismes dans lesquels elles sont incorporées, c'est-à-dire de manière durable, systématique et non mécanique; système acquis de schèmes générateurs, l'habitus rend possible la production libre de toutes les pensées, toutes les perceptions et toutes les actions inscrites dans les limites inhérentes aux conditions particulières de sa production, et de celles-là seulement. A travers lui, la structure dont il est le produit gouverne la pratique, non selon les voies d'un déterminisme mécanique, mais au travers des contraintes et des limites originaires assignées à ses inventions. (...) Parce que l'habitus est une capacité infinie d'engendrer en toute liberté (contrôlée) des produits - pensées, perceptions, expressions, actions - qui ont toujours pour limites les

conditions historiquement et socialement situées de sa production, la liberté conditionnée et conditionnelle qu'il assure est aussi éloignée d'une création d'imprévisible nouveauté que d'une simple reproduction mécanique des conditionnements initiaux. (1980: 92)

Semelhantemente à obra do círculo, Bourdieu concebe que o sentido da constituição dos sujeitos caminha do social para o individual. Os sujeitos são formados pela incorporação de disposições produzidas por regularidades objetivas, situadas dentro da lógica de um campo determinado (ciência, religião, mídia, família, classe social etc), mas que são redimensionadas em razão da trajetória individual e da posição ocupada pelo sujeito nesse campo.

A relação entre as condições sociais nas quais se constitui um *habitus* e as condições sociais nas quais ele é operado produz o sentido prático, o qual é engendrado sem a sua representação explícita pelos sujeitos, que são pegos na urgência de agir. Nesse ponto, vemos uma proximidade entre o modo de constituição do sentido prático em Bourdieu e a produção de avaliações socialmente condicionadas na obra do círculo. Estas são tratadas enquanto componente da situação extra-verbal de qualquer discurso, tal como discutido no texto "Le discours dans la vie et dans la poésie":

Le sens pratique, nécessité sociale devenue nature, convertie en schèmes moteurs et en automatismes corporels, est ce qui fait que les pratiques, dans et par ce qui en elles reste obscur aux yeux de leurs producteurs et par où se trahissent les principes transsubjectifs de leur production, sont sensées, c'est-à-dire habitées par un sens commun. C'est parce que les agents ne savent jamais complètement ce qu'ils font que ce qu'ils font a plus de sens qu'ils ne le savent. (Bourdieu, 1980: 116)



Les évaluations sous-entendues prennent dans ce cas une signification particulièrement importante. En effet, les principales évaluations sociales, qui s'enracinent immédiatement dans les particularités de la vie économique du groupe social donné ne sont pas le plus souvent énoncées: elles sont entrées dans la chair et dans le sang de tous les représentants de ce groupe; elles organisent les actions et la conduite des gens; elles sont en quelque sorte soudées aux choses et aux phénomènes correspondants; c'est pourquoi elles ne requièrent pas de formulations verbales particulières. (...) Si l'évaluation est effectivement conditionnée par la vie même de la collectivité donnée, elle est alors admise à la manière d'un dogme, comme quelque chose qui va de soi et ne prête pas à discussion. Inversement, si l'évaluation fondamentale est énoncée et démontrée, c'est qu'elle est devenue douteuse, qu'elle s'est détachée de son objet, qu'elle a cessé d'organiser la vie et, par conséquent, que son lien avec les conditions d'existence de la collectivité a été rompu. (Bakhtin/Voloshinov, 1926/1981: 193)

Tanto as práticas sociais de Bourdieu quanto as avaliações subentendidas de Bakhtin/Voloshinov são produzidas pelos sujeitos sociais sob condições sócio-históricas determinadas que lhe prestam um sentido que vai de si, sobre o qual pouco se questiona e, quando isso se dá, é porque elas estão em vias de alteração. Como vimos anteriormente, a avaliação social está articulada, na obra do círculo, à interação verbal, da qual é componente. Em Bourdieu, a incorporação do *habitus* comporta modos de percepção e de apreciação da realidade. Dessa aproximação, podemos concluir que os autores estão descrevendo aspectos inter-relacionados, uma vez que as avaliações bakhtinianas são uma das práticas engendradas pelo *habitus* que, por sua vez, é produzido sob condições sociais específicas.

As soluções encontradas por Bourdieu e Bakhtin podem ser compreendidas em razão, por um lado, das oposições às correntes

de pensamento vigentes e, por outro, da relação entre o método elaborado e o objeto de estudo. Nesse sentido, os autores se aproximam em uma orientação teórico-metodológica, voltada para a delimitação e a explicação de seus objetos.

Method must of course be adapted to the object. On the other hand, without a definite method there can certainly be no approach to the object. It is necessary to be able to isolate the object of study and correctly make note of its important features. These distinctive features are not labeled. Other movements see other aspects of the object as distinctive features.

(...)

Primary approaches and orientations must be set in the broad methodological context. Literary scholarship enters the sphere of other disciplines. It must be oriented in this sphere, must be in harmony with the methods and objects of allied disciplines. The interrelationships of disciplines must reflect the interrelationships of their objects. (Bakhtin/Medvedev, 1928/1991: 77-78)

É uma transformação semelhante que é preciso operar para chegar a impor nas ciências sociais um novo espírito científico; teorias que se alimentem menos da defrontação puramente teórica com outras teorias que do confronto com objetos empíricos sempre novos; conceitos que antes de tudo têm por função indicar, de maneira estenográfica, conjuntos de esquemas geradores de práticas científicas epistemologicamente controladas. (Bourdieu, 1992/1996: 251)

Os dois excertos revelam que os autores, sem cair em um empirismo ingênuo, elaboram seus quadros teóricos motivados por uma dupla perspectiva: o diálogo com o ambiente intelectual de sua época e a atenção para a natureza do objeto de estudo. Essas semelhanças não apagam, entretanto, as especificidades de cada um. O

fragmento de Bakhtin/Medvedev - extraído da obra em que os autores descrevem e criticam o método formal de análise da obra de arte - destaca a natureza do objeto de estudo que impõe uma aproximação interdisciplinar, a fim de não mutilar a sua compreensão. Esse princípio pode explicar a impossibilidade de enquadrar a obra do círculo em uma disciplina particular, uma vez que, nesse trabalho, os autores estão dialogando com uma corrente teórica que propõe que a análise da obra de arte deve prescindir de todos os aspectos sociológicos. A obra de Bourdieu se mostra mais preocupada com a consolidação da autonomia e da abrangência do campo sociológico, o que explica o seu ataque a outras disciplinas, como veremos a seguir.

Do que foi exposto, podemos perceber semelhanças entre os modos de constituição das duas obras em questão. Primeiramente, o círculo de Bakhtin e Pierre Bourdieu questionaram, com nuances próprias, as mesmas duas correntes de pensamento: o subjetivismo e o objetivismo. Em seguida, suas obras apresentaram soluções distintas, mas que partiram de um terreno comum: a constituição sócio-histórica do sujeito agente que não é um produto de um determinismo mecânico da estrutura, mas também não é uma individualidade auto-consciente e livre de coerções. Por fim, os dois autores elaboraram suas teorias numa dialética entre, de um lado, o contexto sócio-ideológico do campo intelectual e, por outro, a compreensão da natureza do seu objeto de estudo. Na próxima seção, veremos as diferenças entre os dois autores, no que se refere às coerções do sistema lingüístico.

2. As coerções da língua na obra do círculo e de Bourdieu

A obra de Bourdieu e do círculo de Bakhtin se distanciam na importância que atribuem ao papel da língua na constituição da

formação social. A diferença fundamental é que o círculo, apesar de assumir uma concepção diferente de Saussure, compreende que o sistema lingüístico constitui uma ordem própria de coerção sobre os sujeitos, enquanto que Bourdieu vai conceber a língua como um produto ideológico e, portanto, seguindo uma lógica estritamente sociológica.

Brait (2002) reitera a visão de que, no embate com o estruturalismo de Saussure, Bakhtin/Volochinov “além de reconhecer a utilidade do trabalho saussureano, de não destruí-lo ou de não destruí-lo, o autor russo retoma, reconhece e reitera “as coerções do sistema a que o falante está sujeito”” (2002: 149). Essa atitude pode ser percebida na distinção, anteriormente aqui exposta, entre “tema” e “significação” como componentes do sentido da enunciação. A significação “pode ser analisada em um conjunto de significações ligadas aos elementos lingüísticos”, enquanto que o tema estabelece “ligação indissolúvel com a situação histórica concreta, não pode ser segmentado”. Portanto, trata-se de reconhecer um nível de coerções ligado à língua. Apesar da consideração desse nível, Brait argumenta que a concepção de língua do círculo é diferente da de Saussure, pois o sistema age “não como entidade abstrata, mas enquanto componente vivo das atividades de linguagem” (2002: 149).

A reflexão sobre o papel da língua como constitutivo da comunicação humana é abordada mais detidamente em trabalho da última fase da produção bakhtiniana, quando é estabelecida uma comparação entre enunciado, como unidade da comunicação discursiva, e oração, como unidade do sistema da língua. Para tanto, retomaremos, sucintamente, três argumentos que demonstram a concepção bakhtiniana da língua e de sua relação com o enunciado. Primeiramente, o processo de aquisição das formas da língua se dá por meio dos enunciados e seus tipos estáveis: “Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à

nossa consciência conjunta e estreitamente vinculadas.” (1979/2003: 283). Em segundo lugar, a produção do enunciado governa a escolha das formas da língua “escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha.”(1979/2003: 286). Essa escolha é regida pelas especificidades do gênero do discurso, em particular seu modo de se relacionar com o real - o conteúdo temático - e a sua inserção em uma situação sócio-interativa concreta, o que pressupõe os enunciados precedentes, o interdiscurso, e os subsequentes, a atitude responsiva ativa dos co-enunciadores. Por fim, a língua é parte constitutiva do enunciado “só o contato da língua com a realidade, o qual se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós.” (1979/2003: 292). O enunciado é o resultado da relação entre a língua e a realidade objetiva, o que produz necessariamente uma expressão valorativa, ou seja, não há neutralidade na enunciação, ela é sempre ideologicamente orientada. O papel da língua nesse processo é fornecer os recursos à expressão da opinião valorativa: “O sistema da língua é dotado das formas necessárias (isto é, dos meios lingüísticos) para emitir a expressão, mas a própria língua e as suas unidades significativas - as palavras e orações -carecem de expressão pela própria natureza, são neutras.” (1979/2003: 296)

Esses aspectos evidenciam que o sistema lingüístico é considerado como um nível próprio de coerções que é adquirido por meio de enunciados concretos, constituindo-se em um de seus componentes. Essa posição explica a importância dos aspectos formais na conceituação dos gêneros do discurso, entendidos como “correias entre a história da sociedade e a história da linguagem.”(Bakhtin, 1979/2003: 268).

A posição de Bourdieu nesse aspecto é bastante distinta e, para expô-la, serão retomados os pontos principais que configuram a perspectiva desse autor. Na primeira fase de sua obra, Bourdieu

desempenhou o papel de introdutor do estruturalismo no campo da sociologia, enquanto método capaz de desvendar as estruturas invisíveis subjacentes aos objetos e aos dados empíricos próprios da área (testemunhos, entrevistas, estatísticas). Dosse historiciza que “Até os começos da década de 70, o horizonte teórico do trabalho de Bourdieu é o estruturalismo” (1994: 89). Entretanto, na segunda metade da década de setenta, Bourdieu estabelece um diálogo direto⁸ com lingüistas, o que produz um aprofundamento de sua teoria das trocas simbólicas aplicada a uma de suas manifestações: as trocas lingüísticas. Nesse momento, a teorização de uma sociologia da linguagem por Bourdieu se constitui na oposição aos conceitos de língua, gramaticalidade, comunicação e competência, bases da teoria lingüística. As críticas a esse modelo ocorrem em dois momentos: no artigo “A economia das trocas lingüísticas”, originalmente publicado na revista *Langue Française* (1977), a crítica sociológica se faz, sobretudo, pelo deslocamento dos conceitos lingüísticos; e, no livro “Ce que parler veut dire. L'économie des échanges lingüistiques” (1982), há um aprofundamento dos deslocamentos por meio da identificação dos determinismos político-ideológicos subjacentes às escolhas epistemológicas da Lingüística – sobretudo no conceito de língua.

Bourdieu (1994) desloca três conceitos básicos da teoria lingüística: as noções de gramaticalidade, de comunicação e de competência lingüística. Vejamos as críticas a cada um desses conceitos e o seu deslocamento para uma teoria da sociologia da linguagem.

⁸ Na revista *Langue Française* n° 34 (1977), Pierre Encrevé publica a edição de uma mesa redonda entre lingüistas e sociólogos, entre os quais está Pierre Bourdieu, que aconteceu em 1976 na *Maison de Sciences de L'Homme* em Paris. Esse debate se dá em um contexto acadêmico de contestação da forma particular de idealização sobre a qual repousa o trabalho lingüístico e o elo de necessidade que essa idealização estabelece com o caráter científico desse trabalho. O debate visa a reflexão sobre as possibilidades de intersecção entre a lingüística e a sociologia da linguagem.

A teoria lingüística de Chomsky coloca-se como problema central a descrição e a explicação da capacidade humana de, ao mesmo tempo, reconhecer e produzir um número infinito de frases gramaticalmente corretas e de recusar intuitivamente os dados negativos. Nessa abordagem, a linguagem é apreendida enquanto fenômeno lógico-gramatical constitutivo da espécie humana, isolada, por opção teórico-metodológica, das suas condições sociais de produção, recepção e circulação. Bourdieu rejeita essa perspectiva por entender que a compreensão da linguagem envolve necessariamente o seu uso social, pois se trata de uma práxis. Ele propõe a substituição da noção de competência lingüística dos chomskyanos pela noção de competência prática: “o domínio prático da linguagem e do domínio prático das situações, que permitem produzir o discurso adequado numa situação determinada.” (1994: 158). Com isso, a noção de erro gramatical é deslocada para a noção de inadequação ao contexto social de uso da linguagem.

O segundo alvo da crítica de Bourdieu é a noção de comunicação que sustenta a idéia de língua, enquanto fenômeno lógico-gramatical. Visa-se, aqui, à teoria saussureana da compreensão baseada na existência de um núcleo lingüístico comum a todos os falantes de uma comunidade lingüística, permitindo, a partir do reconhecimento de um sentido invariante, a comunicação. Bourdieu (1994: 166) acusa a Lingüística de silenciar as condições sociais de possibilidade de instauração do discurso, em favor de um artefato teórico – o conceito de língua – cuja função é a dominação lingüística:

é um artefato que, universalmente imposto pelas instâncias de coerção lingüísticas, tem uma eficácia social na medida em que funciona como norma, através da qual se exerce a dominação dos grupos. Detendo os meios para impô-la como legítima, os grupos detêm, ao mesmo tempo, o monopólio dos meios para dela se apropriarem.

A idéia de interação simbólica – comunicação – é rejeitada em benefício das relações de força simbólica. As interações lingüísticas estão sempre condicionadas pela estrutura das relações de força entre os grupos sociais e, dentro destes, dos interlocutores. Essa estrutura relaciona a língua legítima aos locutores com maior capital simbólico, capazes de imporem as regras de produção e de aceitação das formas lingüísticas adequadas. A competência prática – acima exposta – só se realiza em função de um mercado lingüístico, definido por um nível de aceitabilidade dessa competência. A lógica do funcionamento do mercado lingüístico baseia-se no princípio de valor distintivo que, como vimos, é formulado por Saussure para explicar o funcionamento da língua. Bourdieu (1994: 168) vai transpor esse princípio para o funcionamento dos bens simbólicos, entre os quais se insere a competência prática:

O valor social dos produtos lingüísticos advém de sua relação com o mercado, isto é, na e pela relação objetiva de concorrência que os opõem a todos os outros produtos e na qual se determina seu valor distintivo: o valor social, do mesmo modo que, para Saussure, o valor lingüístico está ligado à variação, ao desvio distintivo, à posição de variante considerada no sistema de variantes. Entretanto, em consequência da relação que une o sistema das diferenças lingüísticas ao sistema das diferenças econômicas e sociais, os produtos de certas competências trazem um lucro de distinção somente na medida em que não se trate de um universo relativista de diferenças capazes de se relativizarem mutuamente, mas de um universo hierarquizado de desvios em relação a uma forma de discurso reconhecida como legítima.

O questionamento da noção de língua e de comunicação leva a uma relativização das competências lingüísticas que, entretanto, em relação com um mercado encontram-se hierarquicamente opostas. Vê-se que Bourdieu coloca todo o fenômeno lingüístico em relação

com as condições sociais de produção, circulação e recepção dos bens simbólicos.

As críticas acima expostas ganham em profundidade na obra “Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques” (1982) em que Bourdieu reafirma a natureza intrinsecamente social e o caráter heterogêneo da língua. O primeiro aprofundamento se dá na identificação dos determinismos político-ideológicos do conceito de língua nos estudos lingüísticos. Bourdieu argumenta que o conceito de língua está ligado ao processo de unificação política dos estados-nação, ao fim do qual um conjunto de sujeitos falantes é levado a aceitar a língua oficial. Essa língua deve servir aos usos e funções que implicam a constituição da nação os quais necessitam de um padrão impessoal e anônimo adequado aos usos oficiais e livres das coerções da situação. A língua assim normalizada é própria a ser emitida e decifrada por um emissor e um receptor quaisquer numa situação administrativa universal e impessoal da burocracia estatal. Para Bourdieu, a língua saussureana tem as propriedades atribuídas à língua oficial, porém os lingüistas esquecem das leis sociais da sua gênese e construção. O processo de constituição do Estado cria as condições de constituição de um mercado lingüístico unificado e dominado pela língua oficial que se torna a norma teórica pela qual todas as práticas lingüísticas são objetivamente medidas.

Esse processo histórico é apagado em razão do modelo positivista por meio do qual a Lingüística se constitui como ciência. Bourdieu aproxima o conceito de Comte (apud Bourdieu, 1982: 23-24) de linguagem como um tesouro universal e uniformemente disponível aos falantes de uma comunidade, à metáfora de Saussure da língua como “um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro, ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos.” (196-, p. 21). Portanto, Bourdieu aponta que a Lingüística da língua - tomada

como um sistema gramatical - torna-se possível, pelo apagamento dos determinismos político-ideológicos e dos processos históricos da constituição de seu objeto e da sua abordagem metodológica, que exclui a sua natureza social.

A obra do círculo e de Pierre Bourdieu divergem substancialmente na concepção do papel da língua na comunicação humana. Enquanto a primeira concebe o sistema lingüístico como um componente do discurso, uma ordem própria de coerções, a segunda vê a língua como um artefato da Lingüística, útil para a violência simbólica de um Estado centralizador. Neste ponto, afastamo-nos da análise de Bourdieu, para assumir a visão bakhtiniana da língua como aspecto constitutivo e específico da interação verbal.

3. A noção de campo

A noção de campo refere-se a realidades semelhantes nas obras do círculo e de Pierre Bourdieu. Para Bakhtin e seus companheiros, o campo está indissolivelmente ligado aos tipos de enunciado ou gêneros do discurso. Ao compor-se de uma face lingüística e de outra social, os gêneros desafiam-nos a pensar a linguagem e o social de forma inter-relacionada, o que demanda a articulação de teorias provenientes de diferentes disciplinas acadêmicas. Ao entender o campo como a face social, histórica e ideológica, compreende-se que é no trabalho do sociólogo francês que essa noção é desenvolvida de modo mais aprofundado. Por outro lado, a face linguageira do gênero é descrita de forma ampla na obra bakhtiniana. Nesta seção, partirei das semelhanças entre os conceitos de campo nas duas teorias, com o propósito de mostrar a pertinência desse conceito em Bourdieu, para o estudo dos gêneros do discurso.

A obra do círculo na década de vinte⁹, início de sua produção, é particularmente profícua na reflexão sobre a natureza da constituição e da inter-relação entre os diversos campos da produção ideológica. Essa reflexão busca superar a relação de determinismo mecanicista, proveniente da ortodoxia marxista, entre os fatos da base sócio-econômica comum e os produtos ideológicos. Nesse sentido, a noção de campo (ou de esfera) da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica ou da atividade humana ou da comunicação social ou da utilização da língua ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância sócio-econômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo¹⁰.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica

⁹ Em especial, os textos: *Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique* (1926/1981), *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics* (1928/1991), *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929/1992) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929/1997).

¹⁰ O estudo da obra de Dostoiévski - cuja primeira edição é do mesmo ano de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* - mostra como essa questão é importante para a compreensão da relação da obra literária com seu contexto social. Bakhtin defende que Dostoiévski não inventava as idéias encarnadas por suas personagens, mas as apreendia a partir da realidade de sua época. Entretanto, o romancista "não copiou nem expôs esses protótipos mas os reelaborou de maneira livremente artística, convertendo-os em imagens artísticas vivas das idéias" (1929/1997: 90). Para Bakhtin, essa reelaboração se deu sob a forma da polifonia em que as idéias eram colocadas em interação dialógica. Podemos concluir que a obra literária, enquanto produto ideológico, não é nem cópia do real, nem criação, mas um modo próprio de refração da realidade social, segundo a lógica específica do campo artístico.

tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (1929/1992: 33)

A obra do círculo caracteriza-se, de um lado, por admitir as especificidades coercivas de cada campo, e, de outro, por assentar a sua natureza comum sobre a constituição semiótica, em especial no signo lingüístico. A onipresença social da palavra, ou seja, a sua presença em todos os campos ideológicos (ciência, religião, literatura etc) confere-lhe o estatuto privilegiado para o estudo da organização dos diversos campos.

Toda refração ideológica do ser em processo de formação seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.

Todas as propriedades da palavra que acabamos de examinar – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. (1929/1992: 38)

Uma vez que o signo ideológico, e em especial o lingüístico, só ocorre entre indivíduos socialmente organizados, ou seja, na interação verbal, esta é o lugar de existência da psicologia do corpo social e de contato entre a base sócio-econômica comum e os diversos campos ideológicos. Em seção anterior, vimos como a interação verbal foi apontada por Bakhtin/Volochinov como o objeto de reflexão alternativo às correntes reinantes do *objetivismo* e do *subjetivismo*. Na

interação verbal, materializam-se a língua, os signos ideológicos, a constituição da subjetividade, a articulação fatores externos/inter-nos ao campo. A interação verbal só existe sob a forma de gêneros do discurso que correspondem às diferentes formas de relação entre os co-enunciadores e aos temas que lhes estão associados.

No texto sobre os gêneros do discurso, escrito nos anos cin-quenta, mas somente publicado no final da década de setenta, a noção de campo volta a aparecer na obra bakhtiniana:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme ati-vidade humana e porque em cada campo dessa atividade é inte-gral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se dife-rencia à medida que se desenvolve e se complexifica um deter-minado campo. (1979/2003: 262)

Mais à frente nesse mesmo texto, ao questionar a falta de cri-térios unificados para a classificação dos gêneros discursivos, Bakhtin atribui essa falha à “incompreensão da natureza de gênero dos esti-los de linguagem e da ausência de uma classificação bem pensada dos gêneros discursivos por campos de atividade”. Bakhtin demons-tra a importância da noção de campo para a compreensão da natu-reza e a conseqüente classificação dos gêneros. Em seguida, o autor passa a investigar as características das unidades da enunciação (o enunciado) e das unidades da língua (oração e palavra). Aqui, embo-ra não seja expandida, a noção de campo permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz res-peito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enuncia-dos anteriores) e com os elos subseqüentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores).

O tema se refere ao modo de relação do enunciado com o obje-to do sentido; ele é, portanto, de natureza semântica. Nessa relação, o tema caracteriza-se por atribuir uma apreensão delimitadora do objeto do sentido e por compor-se de uma expressão valorativa, uma

vez que não há neutralidade no domínio do enunciado. A relação deste com o seu referente é condicionada pelo campo da comunicação discursiva:

a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível." (1979/2003: 289)

O diálogo do enunciado com os elos precedentes, que podemos nomear sob os títulos de interdiscurso e de intertexto, é condicionado pela identidade temática e pelas coerções de um determinado campo:

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. As formas das atitudes responsivas (...) diferenciam-se acentuadamente em função da distinção entre aqueles campos da atividade humana e da vida nos quais ocorre a comunicação discursiva. (1979/2003: 298)

Por fim, a relação do enunciado com seus co-enunciadores – a antecipação de sua atitude responsiva, o conhecimento de sua posição social, seus gostos, suas preferências etc - também é condicionada pelas especificidades de um campo:

Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere.(...) Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica do destinatário que o determina como o gênero. (1979/2003: 301)

Organizados pelo campo, esses três aspectos dos enunciados (e de seus tipos estáveis) formam um todo orgânico, ou seja, a elaboração do tema é motivada pela reação a enunciados precedentes sobre o mesmo tema e pela antecipação da posição responsiva do destinatário. O campo é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores.

Inversamente ao que ocorre na obra do círculo, a noção de campo em Bourdieu ganha em importância e em profundidade, nos anos noventa, última década de sua produção teórica¹¹. Aqui também, o modo de existência do campo é sua capacidade de refratar ou re-traduzir as demandas externas, de ordem política e econômica.

Mas ela também permitiu escapar à alternativa da interpretação interna e da explicação externa, diante da qual se achavam colocadas todas as ciências das obras culturais, história social e sociologia da religião, do direito, da ciência da arte ou da literatura, ao lembrar a existência dos microcosmos sociais, espaços separados e autônomos, nos quais essas obras se engendram: nessas matérias, a oposição entre um formalismo nascido da codificação de práticas artísticas levadas a um alto grau de autonomia e um reducionismo aplicado em relacionar diretamente as formas artísticas a formações sociais dissimulava que as duas correntes tinham em comum o fato de ignorar o campo de produção como espaço de relações objetivas. (1992: 254-255)

¹¹ Trata-se, sobretudo, do livro *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário* (1992/1996), mas também dos trabalhos subseqüentes sobre os campos jornalístico, em *L'emprise du journalisme* (1994) e *Sobre a televisão. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos* (1996), e científico, em *La cause de la science* (1995) e *Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico* (1997/2004).

Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas. (...)

Dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, freqüentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução. (1997/2004: 21-22)

As duas obras concebem o campo como um espaço social capaz de refratar, traduzir ou transformar as demandas externas, sobretudo da base sócio-econômica comum. Busca-se, em ambos os casos, escapar à visão de que os produtos ideológicos refletem diretamente as transformações políticas, sociais e econômicas, tirando-lhes a sua autonomia social e também, na visão bakhtiniana, semiótica.

A teoria dos campos de Bourdieu analisa o conjunto das relações sociais objetivas que constituem um campo social. São essas relações que podem auxiliar no avanço da análise dos gêneros do discurso.

O campo “é uma rede de relações objetivas entre posições” e se constitui em um espaço de lutas, onde os agentes assumem posições segundo quatro coerções: a relação entre o habitus – ou seja, as disposições incorporadas sob a forma de modos de agir, preferências, gostos, capacidade de compreensão das regras do jogo etc - , o capital simbólico - decorrente da posição ocupada no campo e do conseqüente reconhecimento pelos pares - e econômico - proveniente sobretudo da herança e da renda - e as possibilidades e as impossibilidades oferecidas por um campo aos seus agentes, segundo as disposições por eles incorporadas. Esse espaço social define-se por um sistema de propriedades relativas, isto é, as posições são apreendidas por suas relações recíprocas em um dado momento da existência do campo, portanto, socialmente e historicamente situadas.

As posições relativas comandam as tomadas de posição (obras, atos, discursos, manifestos, polêmicas etc) que, por sua vez, se definem pelo espaço de possíveis apresentados na “herança acumulada pelo trabalho coletivo”.

Neste momento, é importante destacar que a obra do círculo não é indiferente às posições relativas dos enunciados em um dado campo, como vemos no fragmento a seguir:

Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de uma esfera da comunicação discursiva.” (1979/2003: 297)

A especificidade, aqui, está na concepção de que a posição relativa de cada enunciado manifesta-se na sua atitude responsiva em relação aos demais de um determinado campo.

Um segundo aspecto do campo é sua relação de maior ou menor independência com as condições econômicas de existência, cujo princípio básico é “o cálculo dos lucros individuais, portanto do interesse econômico” (1997: 49). Bourdieu mostra que as sanções dos campos literário, artístico ou científico, advêm do reconhecimento do capital simbólico, isto é, do conhecimento e do reconhecimento que os pares fazem da trajetória e do prestígio pessoal, decorrente das produções por eles valorizadas. Essas sanções são, muitas vezes, inversas à lógica econômica. O sociólogo mostra que o campo literário francês se formou em um período de ascensão e de influência da sociedade burguesa, que se caracterizava pela exaltação do dinheiro e do lucro, pela expansão da imprensa e dos folhetins, representantes da penetração da produção industrial sobre a literatura. Em face desse contexto, o campo literário constituiu-se sob uma lógica econômica inversa, ou seja, o prestígio literário de um autor podia ser medido inversamente ao seu capital econômico: “o artista

só pode triunfar no terreno simbólico perdendo no terreno econômico (pelo menos em curto prazo), e inversamente (pelo menos em longo prazo).” (1992/1996: 102)

Outro componente diz respeito à relação hierárquica entre os gêneros do discurso que o campo engendra e que nele circulam. Essa hierarquia estabelece uma gradação entre os gêneros que melhor representam o campo e aqueles que estão em suas margens. O prestígio do agente se mede pelo modo de acesso aos gêneros “maiores” e aos “menores”. Por exemplo, no jornal impresso, os jornalistas dominantes têm acesso aos editoriais, a artigos assinados, à edição da primeira capa, enquanto que os iniciantes se distribuem entre as notícias e reportagens não assinadas do interior do caderno. O prestígio do cientista pode ser medido pelas possibilidades de produção e de publicação dos gêneros dominantes nos veículos mais valorizados, que se constituem pela arbitragem dos pares. O valor do gênero também pode ser medido pelas características do seu público-alvo: em determinados campos, os gêneros voltados aos pares costumam ser mais valorizados do que os produzidos para agentes externos. No campo científico, os artigos publicados em revistas internacionalmente reconhecidas e voltados para cientistas são dominantes em relação a manuais de iniciação ou artigos de divulgação científica em jornal, cujo público é formado por estudantes e leigos.

Um quarto aspecto refere-se ao fato de que o processo histórico de formação do campo acompanha-se de uma reflexão sobre os gêneros e as obras nele produzidos:

à medida que o campo se fecha sobre si o domínio prático das aquisições específicas de toda a história do gênero que estão objetivadas nas obras passadas e registradas, codificadas, canonizadas por todo um corpo de profissionais da conservação e da celebração, historiadores da arte e da literatura, exegetas, analistas, faz parte das condições de entrada no campo de produção restrita. (1992/1996: 273)

A percepção exigida pela obra produzida na lógica do campo é uma percepção diferencial, distintiva, comprometendo na percepção de cada obra singular o espaço das obras possíveis, logo, atenta e sensível às variações com relação a outras obras, contemporâneas e também passadas. (1992/1996: 280)

O conhecimento dos gêneros é imprescindível para a inserção em um determinado campo da produção cultural. Entretanto, o processo social de atualização varia de campo para campo. Nas artes, as rupturas nos gêneros e a inversão hierárquica dos mesmos constituem uma aposta capaz de marcar época e fazer nomes de prestígio. No campo científico, verifica-se um crescimento de manuais e regras de codificação dos gêneros aí produzidos, sendo o seu domínio indispensável para o sucesso. O investimento dos agentes, aqui, é maior no deslocamento dos temas e das categorias de percepção e de apreciação do mundo natural e social.

O quinto aspecto compreende a elaboração de uma linguagem própria enquanto parte do processo de emergência de um campo: “entre todas as invenções que acompanham a emergência do campo de produção, uma das mais importantes é sem dúvida a elaboração de uma linguagem propriamente artística” (1992/1996: 326). Assim como nas artes, os demais campos produzem uma linguagem própria para nomear e caracterizar os agentes e seus produtos. Essa linguagem elabora esquemas de classificação e de apreciação que visam, dentro da lógica interna do campo, a construir hierarquias e modos de percepção.

Por fim, a autonomia do campo pode se constituir sob o preceito da primazia da forma sobre a função, ou do estilo sobre o conteúdo “coagir a linguagem para coagir à atenção para a linguagem, tudo isso equivale, em definitivo, a afirmar a especificidade e o caráter insubstituível do produto e do produtor, ressaltando o aspecto mais específico e mais insubstituível do ato de produção.” (1992/1996: 334). Aqui deparamo-nos com um princípio específico do campo de produção artístico. O modo de valorização do estilo se dá de for-

ma distinta nos campos sociais. Enquanto o campo artístico valoriza os efeitos de estilo sobre o conteúdo, o campo científico se constitui em uma lógica distinta, ou seja, seus gêneros são elaborados em função da produção de efeito de teoria ou de objetividade. O que vale no campo científico é que o estilo deve subordinar-se à exposição de conceitos e categorias de análise, capazes de fazer avançar o estado de conhecimentos da área.

Conclusão

A análise comparativa das duas obras procurou evidenciar as suas semelhanças, as suas diferenças e os pontos de articulação que se mostraram pertinentes. O terreno comum entre ambas pode ser sintetizado em uma concepção sócio-histórico-ideológica do sujeito, princípio este que se construiu como uma alternativa discordante tanto do subjetivismo, quanto do objetivismo. Tratou-se de reinserir o sujeito na produção da ordem social e da linguagem, sem retomar o viés subjetivista, no qual ele é compreendido como consciência livre de condicionamentos sócio-ideológicos e, portanto, constituído em um processo auto-reflexivo, criador de si próprio, da ordem social e da linguagem. As duas obras se distanciam, de forma irremediável, na visão da língua. Assumimos, assim como a obra do círculo de Bakhtin, que os aspectos lingüísticos formam uma ordem própria de coerções, cuja realidade não se situa em um sistema abstrato de formas, mas é criada, organizada e constitui um dos componentes do enunciado. Por fim, faz-se necessário, em razão do objetivo central deste artigo, sintetizar e destacar os avanços decorrentes do diálogo entre os autores para a teorização, a descrição e a compreensão da noção de campo e suas implicações para os gêneros do discurso.

A noção de campo remete sempre a uma realidade social plural, isto é, à diversidade de manifestações da atividade humana e de

seus modos de organização em uma dada formação social. Essa pluralidade se deve a dois componentes inter-relacionados constitutivos do campo: a sua autonomia relativa e a sua capacidade de refração das demandas externas. A autonomia de um campo se mede pela sua capacidade de transformar as demandas externas, originárias das outras esferas e de uma base sócio-econômica comum. Essa refração ou transformação ocorre em razão das relações objetivas entre os agentes, as instituições, e do diálogo entre as obras de um campo. A autonomia não significa, entretanto, indiferença e impermeabilidade em relação às demandas externas, as quais, embora interfiram na dinâmica interna de um campo, não se refletem diretamente nas suas produções ideológicas. Portanto, a influência de uma determinada transformação social em uma obra tem que ser analisada em razão das especificidades do campo.

O modo de organização do campo segue o princípio do valor relativo, segundo o qual os diversos componentes (agentes, obras, gêneros, instituições etc) adquirem uma posição relativa aos demais. Isso significa que o estudo de um produto ideológico deve incluir as posições relativas que ele adquire em razão de outras obras, passadas e contemporâneas, de um mesmo campo. Na obra de Bourdieu, o princípio do valor relativo, incorporado da obra saussureana, engloba tanto as relações na sincronia quanto na diacronia, uma vez que o campo é um produto sócio-histórico. Tal como vimos, a obra do círculo localiza nas relações dialógicas entre os enunciados de um mesmo campo o princípio do valor ou posição relativa.

Assim como os demais componentes, os gêneros constituem-se de um valor relativo nos diversos campos da atividade humana. A alteração sofrida por um gênero - seja pela introdução de uma nova tecnologia, seja pelo deslocamento efetuado por um novo agente - pode ser sentida nos demais da mesma esfera. Portanto, a adequada compreensão de um gênero só pode se dar se considerarmos o campo no qual foi produzido e circula.

O signo lingüístico atravessa todos os campos da atividade humana e se constitui em terreno comum para a comparação entre eles. A palavra adquire tonalidades próprias, apreciações valorativas e um modo próprio de refratar a realidade de acordo com cada campo em que se insere. O signo lingüístico se materializa na interação verbal, que existe sob a forma dos diferentes gêneros de enunciados ou do discurso. Enquanto espaço de refração, o campo condiciona a elaboração do tema, o diálogo com enunciados precedentes sobre o mesmo tema e a antecipação da posição responsiva do destinatário. O campo é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/co-enunciadores.

Os diversos campos caracterizam-se pela elaboração de uma linguagem própria para falar de seus componentes. O aspecto mais evidente é a criação de termos ou a sua redefinição para nomear, classificar e avaliar seus agentes e seus produtos. Embora se identifiquem por um estilo particular, cada campo tem um modo próprio de se relacionar com ele. Enquanto o campo literário se caracteriza pelo grau máximo de valorização e de elaboração do estilo, o campo científico se define pela primazia conferida ao núcleo conceitual.

Um dos grandes empreendimentos das teorias do discurso tem sido articular conceitos de áreas diversas, em razão da natureza interdisciplinar de seu objeto de estudo, o discurso, que é, concomitantemente, da ordem do lingüístico, do social, do histórico, do ideológico. Em razão disso, a articulação teórica, tal como se empreendeu aqui, deve continuar a ser um dos principais desafios para o estudo da linguagem enquanto discurso.

RÉSUMÉ: *Le but de cet article est le développement théorique de la notion de champ et ses implications pour l'étude des genres du discours. Dans ce sens, on fera le rapprochement des oeuvres du cercle de Bakhtine et du sociologue français Pierre Bourdieu. L'analyse des genres doit*

considérer sa position relative dans le champ, qui est un espace de réfraction des demandes externes.

MOTS-CLÉ: *champ; genres du discours; énoncé.*

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. M./VOLOSHINOV. (1981). Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. Contribution à une poétique sociologique. In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil. p. 181-215. (Original russo, 1926)
- BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. (1991). *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Trad. Albert J. Wehrle. Maryland: Johns Hopkins Press. (Original russo, 1928)
- BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec. (Original russo, 1929)
- BAKHTIN, M. M. (1997). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original russo, 1929)
- BAKHTIN, M. M./VOLOSHINOV. (1981). La structure de l'énoncé. In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil. p. 287-316. (Original russo, 1930)
- BAKHTIN, M. (2003). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. (Original russo, 1979)
- BOURDIEU, P. (1994). A economia das trocas lingüísticas. Trad. Paulo Montero. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática. (Original: *Lingue Française*, 34, maio 1977)
- _____ (1992). *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1980). *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- _____ (1982). *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges lingüistiques*. Paris: Fayard.
- _____ (1996). *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. Paris: Seuil. (Original francês, 1992)
- _____ (set. 1997). *Le champ économique. Actes de la recherche em sciences sociales*. Paris, Seuil, n. 119, p. 48-66.



- _____ (1997). *Sobre a televisão*. Seguido de *A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos*. Trad. Maria L. Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original francês, 1996)
- _____ (2004). *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice B. Catani. São Paulo: UNESP. (Original francês, 1997)
- BRAT, B. (2002). Interação, gênero e estilo. In: PRETI, D. (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. p. 125-157.
- DOSSE, F. (1993). *História do estruturalismo 1.O campo do signo, 1945/1966*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- _____ (1994). *História do estruturalismo 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- ENCREVÉ, P.(Org.) (1977). Table ronde "Linguistique et sociologie du langage". *Langue française*, n° 34, p. 35-51.
- SAUSSURE, F. (1915). de *Curso de lingüística geral*. Trad. de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix,[196-].Título da edição original: *Cours de linguistique générale*.
- SOUZA, G. T. (1999). *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas.
- TODOROV, T. (1981). *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil.